

9. Autodefinição, memória e pandemia em quilombos: um estudo a partir do estado do Espírito Santo

Oswaldo Martins de Oliveira¹

O presente texto tem por objetivo analisar processos de autodefinição, memórias e intensificação de situações de conflitos em tempos da pandemia da Covid-19 em comunidades quilombolas no estado do Espírito Santo, no decorrer dos anos 2020-2021. Parte dos dados analisados são resultados da pesquisa desenvolvida pelo projeto “Africanidades Transatlânticas: cultura, história e memó-

1 Mestre e Doutor em Antropologia Social, professor no Departamento e no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), coordenador do projeto de pesquisa “Africanidades Transatlânticas: história, memórias e culturas afro-brasileiras”, vice coordenador do grupo de pesquisa “Educação para as Relações Étnico-Raciais e Identidades Afro-Brasileiras” (Diretório de Pesquisa do CNPq), pesquisador filiado ao Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB) da UFES, pesquisador associado ao Comitê Quilombos da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e ao grupo de pesquisa do NUER (Núcleo de Estudos de Identidades e Relações Interétnicas) da Universidade Federal de Santa Catarina.

rias afro-brasileiras a partir do Espírito Santo”², sob a minha coordenação. Após o encerramento dos recursos provenientes das agências financiadoras, citadas na nota número 2 (dois), prossegui levantando dados relativos aos efeitos da pandemia pelas redes sociais e elaborando os resultados da pesquisa.

Em tempo de afastamento social, a obtenção dos dados sobre os efeitos da Covid-19 se tornou viável porque o referido projeto organizou um banco de dados, a partir do qual criei grupos nas redes sociais com lideranças, estudantes e agentes de saúde quilombolas, dialogando sobre a pandemia nos quilombos. São esses agentes locais, com os quais estou em permanente diálogo, que colaboraram com a pesquisa.

O projeto Africanidades Transatlânticas estudou tradições culturais e memórias de mestres de saberes em comunidades quilombolas do referido estado. A pesquisa de campo também identificou o acesso aos serviços de saúde, educação e trabalho, tendo como ponto de partida os dados provenientes de entrevistas realizadas com lideranças e professores/as quilombolas sobre as trajetórias de integrantes de suas comunidades a esses serviços e ao trabalho dentro e fora dos territórios. No que se refere aos problemas de saúde-doença, o projeto constatou que algumas doenças como hipertensão arterial, diabetes e problemas cardíacos eram os principais problemas compartilhadas por integrantes dessas comunidades.

Em março de 2020 surgiram as primeiras medidas de governos, sob a orientação de áreas das ciências da saúde, visando conter a velocidade do contágio da população pela Covid-19, adotando-se as estratégias denominadas, primeiramente, “isolamento social” e, depois, “afastamento social”. Na

2 O projeto foi desenvolvido de 01/10/2018 a 30/09/2020 junto às comunidades quilombolas e agrupamentos culturais afro-brasileiros (jongos e caxambus, bandas de congos e bailes de congos de São Benedito) no Espírito Santo. A pesquisa foi realizada por uma parceria celebrada pelo Termo de Cooperação 002/2018 entre a Secretaria de Estado da Cultura (SECULT), a Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES) e a Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). A pesquisa foi regida pela Resolução n. 210/2018 e pelo Termo de Outorga 314/2018, e contou com financiamento da FAPES e SECULT. O projeto foi registrado na Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da UFES sob o número 9278/2019.

primeira onda da pandemia da Covid-19, as autoridades políticas e científicas e os meios de comunicação empregavam o termo “isolamento social” para se referirem às medidas de controle que deveriam ser adotadas para reduzir e frear a velocidade do contágio da população pela doença e evitar o colapso do sistema de saúde, mas devido à pressão de interesses econômicos — que contam com o apoio do Governo Federal — sobre os governos estaduais e municipais, não ocorreu o controle do contágio e passou-se a empregar o termo “afastamento social”. Em 21.12.2021, os dados oficiais sobre as mortes causadas pela Covid-19 revelaram a triste marca numérica do extermínio de vidas humanas no Brasil: 617.948 (seiscentas e dezessete mil, noventas e quarenta e oito) vidas perdidas. Os movimentos sociais, e até mesmo a grande imprensa, acusam o Governo Federal de genocídio das populações negras, pobres e comunidades tradicionais, entre as quais as indígenas e quilombolas.

No início da pandemia em 2020, as escolas e universidades foram as primeiras instituições públicas a deixarem de funcionar de forma presencial, e nós professores, que também somos pesquisadores, fomos orientados pela administração da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) a criar nossos planos de trabalho remoto. Dentre outras atividades como reuniões, ensino remoto, orientações e atendimento às demandas de estudantes, no meu plano de trabalho estabeleci dar continuidade à elaboração de relatórios e artigos a partir de dados obtidos pelo projeto de pesquisa supracitado.

A partir de abril de 2020, os diálogos da pesquisa sobre os efeitos da Covid-19 na vida das famílias que estão nesses territórios quilombolas (com os agentes sociais já referidos) ocorreram via telefone e redes sociais. Esses diálogos ocorreram sob a orientação de um roteiro de questões denominado “saúde, rendimento e alimentação nos quilombos em tempo da Covid-19”, onde a pesquisa buscou encontrar respostas para uma questão básica: Quais os efeitos da pandemia da Covid-19 e do isolamento social nos quilombos no estado do Espírito Santo? A partir dos dados obtidos, um texto de avaliação preliminar

desses efeitos foi escrito por Oliveira e Silva (2020).³

Com a entrega do referido texto que resultou da primeira etapa da pesquisa, após o mês de junho de 2020 e no decorrer de 2021, dei continuidade ao trabalho de acompanhamento e coleta de dados pelo painel Covid-19 do governo do estado do Espírito Santo (<https://coronavirus.es.gov.br/painel-covid-19-es>). Além disso, nos anos 2020 e 2021, realizei visitas e obtive dados em cinco comunidades quilombolas no Espírito Santo, a saber: Retiro, Angelim II, Porto Grande, Degredo e Córrego do Alexandre (ver localização dessas comunidades no quadro nº 1). Quando os efeitos sociais da Covid-19 se tornaram mais severos e violentos nas comunidades quilombolas, continuei a acompanhar, inclusive participando de reuniões e oficinas a convite dessas comunidades resguardando o distanciamento recomendado, e a obter dados pelo citado painel e a dialogar por meio de redes sociais e telefones com as lideranças sobre tais efeitos nas comunidades.

Memória, auto identificação e certificação pelo Estado

Segundo as definições, concepções e números divulgados pela “Coordenação Estadual das Comunidades Quilombolas do Espírito Santo – Zacimba Gaba” que nesse estado é uma organização filiada à CONAQ (Coordenação Nacional das Comunidades Negras Rurais Quilombolas), o quantitativo dessas comunidades no referido estado é de mais de 50 (cinquenta) e, conforme os dados da página da Fundação Cultural Palmares (FCP) na internet, 36 das quais estão certificadas como tais por essa agência do Estado brasileiro. No entanto, segundo a definição da Coordenação Estadual, as certificações atribuídas pela FCP são para 36 territórios, pois em diversas situações, como se verifica no quadro número 01 abaixo, tiveram casos em que até 05 (cinco) diferentes

3 OLIVEIRA, Osvaldo Martins de; SILVA, Sandro José da. A Pandemia da Covid-19 em Quilombos no estado do Espírito Santo: uma avaliação preliminar. In: ALMEIDA, Alfredo Wagner B. de; MARIN, Rosa Acevedo; ALEIXO, Eriki. *Pandemia e Território*. UEMA Edições/PNCS, 2020, p. 613-634. Disponível em <http://novacartografiasocial.com.br/pre-lancamento-do-livro-pandemia-e-territorio/>.

comunidades foram certificadas como parte de um único território. Por isso, na verdade, segundo a Coordenação Estadual, trata-se de 46 comunidades certificadas como quilombolas. Além dessas, tem mais 08 comunidades não certificadas, o que totaliza 54 comunidades autodefinidas como quilombolas no estado do Espírito Santo. Apresento o quadro a seguir para embasar com dados etnográficos o debate sobre autodefinição (ou auto-identificação), memórias quilombolas locais e certificações emitidas por uma agência do Estado, a FCP.

Quadro 01 – Comunidades quilombolas no estado do Espírito Santo

| Nº | Comunidade | Município | Nº Proc. Certificação da FCP | Nº Famílias estimado pela CONAQ |
|----|--------------------------------|--------------------|---|---------------------------------|
| 01 | Angelim 1 | Conceição da Barra | 01420.002134/2006-81 | 48 |
| 02 | Angelim 2 | Conceição da Barra | Cinco comunidades reconhecidas como o único território quilombola do Vale do Angelim e certificadas pela Fundação Cultural Palmares (FCP) | 28 |
| 03 | Angelim Disa (Angelim do Meio) | Conceição da Barra | | 35 |
| 04 | Angelim 3 | Conceição da Barra | | 35 |
| 05 | Córrego do Macuco | Conceição da Barra | | 30 |
| 06 | Córrego do Sertão | Conceição da Barra | 01420.002143/2006-71 | 60 |
| 07 | São Domingos ⁴ | Conceição da Barra | 01420.002150/2005-92 | 105 |
| 08 | Coxi | Conceição da Barra | 01420.002146/2006-13 | 40 |
| 09 | Linhariño ⁵ | Conceição da Barra | 01420.002079/2005-48 | 80 |

4 Sobre essa e outras comunidades quilombolas do território denominado Sapê do Norte, com uma análise envolvendo as concepções de territorialidade e saberes, ver Ferreira (2009).

5 Sobre a comunidade quilombola de Linhariño podem ser encontrados diferentes trabalhos acadêmicos, cada qual abordando temas específicos, entre os quais os temas de identidade, memória e territorialidade, como se verifica em Ferreira (2009), Silva (2012), Costa (2018) e Souza (2020).

| | | | | |
|----|-----------------------------------|--------------------|--|---------------------|
| 10 | Santana e Quilombo Novo | Conceição da Barra | 01420.002144/2006-16 Dois bairros urbanos reconhecidos como um território quilombola. | Dado não encontrado |
| 11 | Porto Grande ⁶ | Conceição da Barra | 01420.000314/2015-19 | 10 |
| 12 | Córrego do Alexandre ⁷ | Conceição da Barra | 01420.000316/2015-16 | 18 |
| 13 | Roda D'Água | Conceição da Barra | 01420.002145/2006-61 | 80 |
| 14 | Morro da Onça | Conceição da Barra | 01420.009210/2015-70 | 30 |
| 15 | Córrego Santa Isabel | Conceição da Barra | 01420.002144/2006-16 | 15 |
| 16 | Dona Guilhermina | Conceição da Barra | 01420.002141/2006-82 | 12 |
| 17 | Córrego do Chiado | São Mateus | 01420.002130/2006-01 | 70 |
| 18 | Nova Vista | São Mateus | 01420.002126/2006-34 | 130 |
| 19 | Dilô Barbosa | São Mateus | 01420.002129/2006-78 | 100 |
| 20 | Mata Sede | São Mateus | 01420.002132/2006-91 | 61 |
| 21 | Serraria | São Mateus | 01420.000167/2006-96 | 26 |
| 22 | São Cristóvão | São Mateus | Duas comunidades reconhecidas como um único território ⁸ | 40 |
| 23 | Beira Rio | São Mateus | 01420.002133/2006-36 | 15 |
| 24 | São Domingos de Itauninhas | São Mateus | 01420.002127/2006-89 | 60 |
| 25 | Santaninha | São Mateus | 01420.002128/2006-23 | Dado não encontrado |
| 26 | Divino Espírito Santo | São Mateus | 01420.007043/2010-18 | 70 |
| 27 | Bom Pastor | São Mateus | Três comunidades reconhecidas como | 35 |
| 28 | Sta Luzia do Rio Preto | São Mateus | um único território | 20 |
| 29 | Palmito | São Mateus-Jaguaré | 01420.002140/2006-38 | 90 |
| 30 | Cacimba | São Mateus | 01420.002136/2006-70 | 55 |

6 Para um estudo detalhado sobre essa comunidade e o grupo de jongo de São Cosme e Damião existente nela, ver Rodrigues (2016) e Rodrigues (2018).

7 Para conhecer um pouco mais sobre a comunidade quilombola Córrego do Alexandre, seus saberes e tradições culturais, ver Oliveira e Oliveira (2021).

8 Para conhecer um pouco sobre essas comunidades, sobretudo em relação às memórias e a tradição cultural do Jongo de Santo Antônio, ver Oliveira e Rodrigues (2016).

| | | | | |
|----|-------------------------------------|-------------------------|--|-----|
| 31 | São Jorge e Sítio Vala Grande | São Mateus | 01420.002077/2005-59 Três localidades | 57 |
| 32 | Morro da Arara | São Mateus | reconhecidas como um único território | 65 |
| 33 | Córrego Sapato | São Mateus | | 40 |
| 34 | Córrego Seco | São Mateus | 01420.002131/2006-47 | 90 |
| 35 | Santa Luzia | Montanha | 01420.004272/2016-76 | 18 |
| 36 | Degredo ⁹ | Linhares | 01420.002898/2015-67 | 192 |
| 37 | São Pedro | Ibiraçu | 01420.000268/2006-67 | 40 |
| 38 | Retiro | Santa Leopoldina | 01420.000057/1998-80 | 106 |
| 39 | Santa Luzia | Laranja da Terra | Não certificada | 80 |
| 40 | Araçatiba | Viana | Não certificada | 250 |
| 41 | Alto Iguape e Jabarai ¹⁰ | Guarapari | 01420.002060/2012-21 | 30 |
| 42 | Mucambo | Guarapari | Não certificada | 30 |
| 43 | Jacarandá | Guarapari | Não certificada | 28 |
| 44 | São Mateus ¹¹ | Anchieta | Não certificada | 90 |
| 45 | Pedra Branca | Vargem Alta | 01420.007381/2010-50 | 138 |
| 46 | Monte Alegre ¹² | Cachoeiro do Itapemirim | 01420.001511/2005-83 | 198 |
| 47 | Vargem Alegre | Cachoeiro do Itapemirim | Não certificada | 25 |
| 48 | Timbó | Cachoeiro do Itapemirim | Não certificada | 61 |
| 49 | Sítio dos Crioulos | Jerônimo Monteiro | 01420.005547/2015-16 | 25 |
| 50 | Mão Forte | Jerônimo Monteiro | Não certificada | 22 |
| 51 | Córrego do Sossego | Guaçui | 01420.100046/2018-87 | 21 |
| 52 | Graúna | Itapemirim | 01420.006814/2010-50 | 600 |

9 Para conhecer um pouco dos debates sobre o território e os conflitos envolvendo a comunidade de Degredo, ver o texto de Ferreira e Oliveira (2015) e a dissertação de Lins (2021).

10 Sobre identidade, memória e territorialidade na comunidade de Alto Iguape, recomendo a dissertação de mestrado de Izoton (2016).

11 Sobre a comunidade quilombola São Mateus e suas práticas culturais ver Silva (2016).

12 Sobre Monte Alegre, ver Oliveira (2006).

| | | | | |
|----|---------------|-------------------|--|-----|
| 53 | Cacimbinha | Presidente Kênedy | 01420.001981/2005-47 | 160 |
| 54 | Boa Esperança | Presidente Kênedy | Duas comunidades reconhecidas como um território | 260 |

Essas comunidades, conforme se verifica no quadro acima, estão localizadas em diferentes regiões e municípios do estado do Espírito Santo. Entre os seus ancestrais estão diversas pessoas que, para efeito de análise, empregarei aqui o conceito de “pessoas, personagens de memória” de Pollak (1989; 1992).

A partir de uma breve revisão dos estudos sobre comunidades quilombolas no estado do Espírito Santo, passo a algumas considerações a respeito do tema da memória e/ou “pessoas, personagens de memória”. Cabe iniciar explicando de forma resumida quem foi Zacimba Gaba que aparece no nome da Coordenação Estadual das Comunidades Quilombolas do Espírito Santo. Conforme escreve Aguiar (2001), Zacimba Gaba era uma princesa africana de Cabinda, que foi capturada em guerras tribais promovidas pelo comércio dos escravocratas e deportada como escravizada para a região norte do estado do Espírito Santo no início do século XVIII. Ela teria organizado e liderado um quilombo às margens do Riacho Doce, atual região de Itaúnas em Conceição da Barra, e bravamente teria resistido ao processo de escravização, promovendo o ataque às embarcações do tráfico de pessoas escravizadas no mar, quando essas embarcações se aproximavam da costa norte do Espírito Santo, passando nas imediações de Itaúnas. Segundo o autor, o objetivo de Zacimba e dos demais guerreiros quilombolas era libertar os africanos escravizados antes que chegassem ao Porto de São Mateus, no norte do Espírito Santo, a partir de onde eram vendidos às fazendas escravocratas e seria mais difícil libertá-los.

A partir da memória da resistência dos avós de muitas das atuais lideranças quilombolas, Aguiar (2001) afirma que teria coletado narrativas orais sobre a referida princesa. Essas lideranças afirmam que elas mesmas ouviram essas narrativas de seus avós. Por isso, denominaram a Coordenação Es-

tadual das Comunidades Quilombolas do Espírito Santo como Zacimba Gaba, transformando essa liderança do passado, no que podemos definir, a partir de Pollak (1989; 1992), como personagem de memória, tratando-se também de uma “memória herdada” e/ou “memória vivida por tabela”, visto que tais lideranças não conheceram Zacimba, mas herdaram as memórias relatadas e transmitidas por seus antepassados.

Para apresentar um segundo exemplo de “lugar” e “pessoas, personagens de memória” ilustro com a memória histórica dos bairros Santana e Quilombo Novo (comunidades nº 10 no quadro acima). Conforme escreveu o príncipe Maximiliano, entre 1816 e 1818, Santana, na então Vila da Barra de São Mateus, atual Conceição da Barra, era uma pequena aldeia indígena com 18 casas (WIED-NEUWIED, 1989). No entanto, nos anos de 1883 e 1884, os relatórios de polícia e do presidente da Província descrevem a existência de um quilombo (liderado por Rogério) e de dois grupos negros, um chamado Primoso e outro Sornamby, que realizavam festas na mesma localidade (cf. OLIVEIRA, 2011; OLIVEIRA, 2002; AGUIAR, 2002; MARTINS, 2000; REBELLO, 1884). Na memória social dos integrantes das comunidades quilombolas e nos escritos de Aguiar (2002), Rogério foi “exumado” (termo tomado de Anderson, 2008) como “Negro Rugério”. Na década de 1980, por reivindicação de integrantes do Grupo de União e Consciência Negra, uma parte do Bairro Santana se tornou Bairro Quilombo Novo e algumas ruas receberam nome de personagens quilombolas do passado. Na primeira década do século XXI, na divisa dos dois bairros foi construído, para atender reivindicações de lideranças quilombolas o Centro de Referência e Assistência Social (CRAS) “Negro Rugério”. Com a criação do CRAS com este nome, é possível trabalhar a partir dos seguintes elementos da memória conceituados por Pollak (1989; 1992): eventos, datas, pessoas/personagens e lugares de memória. O CRAS, que está localizado no bairro urbanizado Quilombo Novo, recebeu um nome que remete a eventos ocorridos em 1883 e 1884, quando a polícia atacou o quilombo liderado por “Negro Rugério”. Dizem que o Quilombo era o maior produtor de farinha e de outros derivados de mandioca na região norte do ES. Portanto, ali também era e é um lugar de saberes e práticas culturais das mais variadas, pois no final do século XIX era lugar de festas lideradas pelos grupos negros Primoso e Sornamby.

As comunidades Divino Espírito Santo, Bom Pastor e Santa Luzia do Rio Preto (números 26, 27 e 28 do quadro nº 01), conforme se verifica em Oliveira (2002), em conjunto formam o Quilombo do Laudêncio ou Quilombo dos Laudêncios. Laudêncio de Jesus, um dos ancestrais dessas comunidades, é mais um caso de personagem da memória quilombola local, pois seus descendentes e herdeiros, além de empregarem a autodefinição como “Laudêncios”, criaram um grupo cultural denominado “Reis-de-boi dos Laudêncios”. As brincadeiras de reis-de-boi, conforme escreveu Oliveira (2009, p. 29-30), constituem autos dramáticos associados aos ciclos de festejos natalinos em homenagem aos Reis Magos que, segundo as narrativas bíblicas, visitaram o menino Jesus e lhe doaram presentes quando do seu nascimento. Nos quilombos do norte do Espírito Santo, a chamada “brincadeira de reis-de-boi” foi reinventada pelos brincantes como uma tradição sua, onde os ditos “grupos ou ternos de reis” começam a se apresentar nas casas dos devotos dos santos no dia 06 (seis) de janeiro (festa de Santos Reis), ali criando poemas e canções em forma de versos, indo até os dias de São Braz e Nossa Senhora das Candeias, no início de fevereiro.

Quanto aos temas da auto identificação, memória e conflitos territoriais na comunidade quilombola de Retiro (nº 38 no quadro nº 01), a partir de Oliveira (2019), verifica-se que as primeiras categorias empregadas para auto identificação da comunidade são as de “negros”, “parentes” e “herdeiros do Benvindo”. Posteriormente, principalmente a partir do início da década de 1990, o nome do ancestral, Benvindo Pereira dos Anjos, foi coletivizado como “Os Benvindos” para identificar todos os integrantes da comunidade e da Associação Quilombola dos Herdeiros de Benvindo Pereira dos Anjos. No entanto, o nome do ancestral começou a ser formalmente atribuído como o segundo nome de um dos herdeiros, Jorge Benvindo Pereira dos Anjos, em 1905. A partir de 1950, este herdeiro, passou a atribuir Benvindo como o segundo nome de todos os seus filhos, posteriormente aos netos e aos bisnetos. Segundo os atuais herdeiros, a ideia de criar uma Associação dos Herdeiros, contendo o nome fantasia de “Os Benvindos” (como está inscrito no seu estatuto), foi de Jorge Benvindo, ainda na década de 1980, embora Jorge tenha falecido em 1993, dois

anos após a criação da Associação¹³.

Retiro não é o único caso em que o nome de um dos ancestrais da comunidade quilombola é escolhido pelos descendentes e herdeiros para ser atribuído à associação comunitária e remanescente de quilombo. A comunidade quilombola de Degredo (nº 36 do quadro nº 01), estudada por Ferreira e Oliveira (2015) e Lins (2021), no auge do processo de reconhecimento e dos conflitos enfrentados por seus integrantes, criou a Associação dos Pescadores e Extrativistas e Remanescentes de Quilombo do Degredo “Atalino Leite de Araújo”. Atalino é considerado o ancestral fundador da comunidade e a maior parte das famílias emprega o nome Leite, afirmando pertencer a esse tronco, e constrói a genealogia a partir dele. O nome Atalino, inclusive, foi atribuído a um de seus filhos.

Mais dois casos etnográficos merecem atenção para analisar como os nomes de pessoas-personagens do passado são transmitidos às gerações seguintes: o primeiro refere-se à comunidade quilombola de Vargem Alegre (nº 47 do quadro nº 01), estudada por Guimarães (2018); o segundo diz respeito à comunidade quilombola Córrego do Sossego (nº 51 do quadro nº 01), estudada por Carneiro (2021). No caso de Vargem Alegre, o nome de um dos ancestrais da comunidade, Canuto Caetano, foi transmitido associado a uma tradição cultural (o caxambu) para uma das netas, Canuta Caetano. Neste caso, o nome de Canuto Caetano, escravizado no século XIX, foi feminilizado e transmitido para sua neta, Canuta (conhecida como Canutinha, falecida em 2019. Canutinha era a mestra do grupo de Caxambu Alegria de Viver, existente na comunidade.

Ao contrário do caso estudado por Guimarães (2018), na comunidade estudada por Carneiro (2021) ocorreu a masculinização do nome de uma ancestral do sexo feminino. A comunidade quilombola Córrego do Sossego também se autodenomina como a “família dos Eufrásios”, devido ao fato de seus integrantes serem descendentes e herdeiros da terra e da “Casa de Oração”

13 Sobre essa mesma comunidade, recomendo também a tese de doutorado de Coutinho (2016), sobre a relação da comunidade com atores externos, e a dissertação de Alves (2020) sobre trajetórias de escolarização de quilombolas de Retiro.

deixada por Cristina Maria Eufrásia. Esse é mais um caso em que os dados etnográficos ajudam-nos a dialogar com os conceitos de pessoas-personagens e lugares de memória de Pollak (1992; 1989). Em Córrego do Sossego, não apenas o território, mas também os corpos são lugares de memória, visto que o nome “família dos Eufrásios” e as pessoas que são nomeadas estão vinculadas à essa personagem do passado, ancestral da comunidade. Deste modo, Eufrásio, embora tenha ocorrido a masculinização do nome dessa personagem do passado, é o prolongamento da existência de Eufrásia na memória da comunidade atual, devido ao fato de sua existência ainda ser significativa para seus descendentes e herdeiros na atualidade.

Efeitos sociais da pandemia e pessoas infectadas pela Covid-19

No que se refere ao acompanhamento realizado sobre os efeitos da Covid-19 nessas comunidades, após diversas atualizações de dados e diálogos com lideranças locais para confirmar se os casos que aparecem no painel Covid-19 do governo do Espírito Santo são realmente de integrantes de comunidades quilombolas, apresento abaixo os quadros números 02 e 03, com as comunidades que tiveram pessoas infectadas. Embora todas as demais comunidades tenham sido atingidas com os efeitos sociais da pandemia, nos quadros abaixo refiro-me às infecções pela Covid-19. Existem casos como os da comunidade São Pedro, no município de Ibirapu, em que as lideranças afirmam que existiram 03 infecções locais, que inclusive uma pessoa chegou a ser hospitalizada em um hospital na Grande Vitória de referência no tratamento da Covid-19, mas o nome da comunidade não aparece no supracitado painel porque essas pessoas deram como referências os endereços de seus parentes em cidades da Grande Vitória, pra onde viajaram em busca de tratamento quando perceberam os primeiros sintomas da doença. Por isso, a comunidade São Pedro não aparece nos quadros 02 e 03 abaixo.

Além dos resultados referentes aos problemas de saúde-doenças acima citados, que são compartilhados por mais de 20 comunidades, a pesquisa realizada entre abril de 2020 e dezembro de 2021 alcançou resultados que evidenciam que os efeitos dizem respeito não apenas aos números de infectados

e de óbitos apresentados nos quadros 02 e 03 abaixo, mas a um conjunto de outros que vem afetando às famílias quilombolas. Conforme avaliaram preliminarmente Oliveira e Silva (2020), mais de um ano antes dos resultados aqui analisados, esses efeitos são: a) estagnação na comercialização de produtos da agricultura familiar, dos pescados (peixes e crustáceos) e de alimentos artesanais produzidos nesses territórios; b) perda de empregos formais e prestações de serviços informais como diaristas fora dos territórios; c) em função dos dois efeitos anteriores e da suspensão das atividades escolares de crianças e adolescentes, ocorreram desequilíbrios nos orçamentos das famílias e, em alguns casos, ocasionaram insegurança e necessidades básica na alimentação.

Conforme se verifica abaixo nos quadros 02 e 03, os efeitos relativos às infecções pela Covid-19, até esse final de dezembro de 2021, atingiram 939 pessoas integrantes de 20 comunidades quilombolas do Espírito Santo. Dessas 939 pessoas, 27 foram atingidas de forma letal e 899 estão curadas. Verifiquei que algumas comunidades, devido às proximidades com os meios urbanos, têm fluxos diários de pessoas circulando entre os seus territórios nos meios rurais e as sedes de seus municípios, por isso, tornaram-se as que tiveram as maiores quantidades de pessoas infectadas, mesmo depois de as pessoas tomarem as duas doses da vacina.

Inicialmente, algumas concepções fundadas no senso comum e em orientações políticas “negacionistas” defendiam que crianças não eram infectadas pela Covid-19. Os dados dos quadros 02 ajudam a combater essas concepções, pois, como se verifica, só nas faixas etárias abaixo dos 09 anos de idade, até a data do levantamento dos dados, 29/12/2021, ocorreram 43 casos de infecções de crianças pela Covid-19 em comunidades quilombolas do Espírito Santo.

Quadro 02 – Dados de atingidos por comunidade, sexo e faixa etária

| Comunidade | Nº geral | Sexo | | Faixa etária | | | | | | | | | | |
|--------------------------------|----------|------|-----|--------------|----------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|--------------|
| | | F | M | 0-4 anos | 5-9 anos | 10-19 anos | 20-29 anos | 30-39 anos | 40-49 anos | 50-59 anos | 60-69 anos | 70-79 anos | 80-89 anos | 90 anos mais |
| Boa Esperança | 65 | 42 | 23 | 01 | | 06 | 17 | 15 | 12 | 12 | 02 | | | |
| Cacimbinha | 16 | 10 | 06 | | 01 | 01 | 05 | 04 | 02 | 02 | | 01 | | |
| S. Crioulos | 01 | 01 | | | | | | 01 | | | | | | |
| Graúna | 238 | 137 | 101 | 02 | 04 | 21 | 44 | 47 | 51 | 25 | 18 | 17 | 05 | |
| Timbó | 37 | 21 | 16 | | 01 | 02 | 02 | 07 | 16 | 07 | 02 | | | |
| M. Alegre | 03 | 02 | 01 | | | 01 | | | | 01 | | 01 | | |
| S. Mateus | 29 | 17 | 12 | 02 | 04 | 06 | 01 | 04 | 04 | 06 | | | 02 | |
| P. Branca | 22 | 13 | 09 | | | 02 | 05 | 04 | 04 | 04 | 02 | 01 | | |
| Mucambo | 03 | 01 | 02 | | 01 | | | | 01 | | | 01 | | |
| Goiaba – Alto Iguape | 01 | 01 | | | | | 01 | | | | | | | |
| Araçatiba | 87 | 50 | 37 | | 01 | 08 | 18 | 23 | 12 | 11 | 09 | 03 | 02 | |
| Retiro | 46 | 29 | 17 | 03 | 02 | 07 | 06 | 09 | 09 | 08 | 02 | | | |
| Santa Luzia L. da Terra | 03 | 02 | 01 | | | | | 01 | 01 | | | 01 | | |
| Esp. Santo | 03 | 01 | 02 | | | | | 01 | | | 01 | | | |
| São Jorge | 01 | | 01 | | | | | 01 | | | | | | |
| Beira Rio | 45 | 28 | 17 | 01 | 01 | 02 | 07 | 06 | 12 | 08 | 07 | 01 | | |
| Palmito (J e S.M) | 170 | 94 | 76 | 06 | 06 | 27 | 27 | 38 | 33 | 18 | 07 | 05 | 02 | 01 |
| Roda D'água | 07 | 03 | 04 | | | | 04 | 02 | | | 01 | | | |
| Quilombo Novo | 07 | 02 | 05 | | | | | | 03 | | | 02 | 01 | 01 |
| Santana | 154 | 90 | 64 | 05 | 03 | 14 | 22 | 35 | 28 | 34 | 14 | 07 | 02 | |
| Angelim 2 (do Meio) | 01 | 01 | | | | | | | | | | 01 | | |

Mulheres infectadas: 545
Homens infectados: 394
Total de infectados/as: 939

Fonte: Elaboração do autor, em 29/12/2021.

No início da pandemia, uma das lideranças quilombolas entrevistadas compartilhou um áudio em um grupo de WhatsApp da comunidade “Retiro”, solicitando que os parentes que vivem na cidade evitem visitar e realizar reuniões e festas familiares na comunidade para que assim preservem a vida dos mais velhos, visto que, conforme afirmou, suas vidas e saberes são os bens mais preciosos na comunidade. No entanto, apesar de a comunidade de “Retiro” não ter perdido nenhuma vida para a Covid-19, nem dos mais velhos e nem dos mais jovens, nas demais comunidades do Espírito Santo, foi o que aconteceu, pois das 27 pessoas que foram a óbito, 01 era criança de 10 anos e 03 eram cardíacas e diabéticas e estavam na faixa de 40 a 49 anos. As demais pessoas que perderam a vida, todas estavam com mais de 60 anos, constituindo-se, portanto, no extermínio das pessoas que ainda teriam muito a transmitir de memórias, experiências e saberes tradicionais dessas comunidades.

Quadro 03 – Atingidos segundo a confirmação por comorbidades, cura e óbitos por sexo até 29/12/2021

| Comunidades | Nº Geral | Confirmação por comorbidades | | | | | | Cura por sexo | | Óbitos Por sexo | |
|---|----------|------------------------------|----------|--------|-----------|-----------|-------|---------------|----|-----------------|----|
| | | Cardio | Diabetes | Pulmão | Obesidade | Tabagismo | Renal | F | M | F | M |
| Boa Esperança | 65 | 13 | 05 | 03 | 03 | 02 | | 40 | 23 | 02 | |
| Cacimbinha | 16 | 02 | 01 | | 01 | | | 10 | 05 | | 01 |
| Sítio Crioulos | 01 | | | | | 01 | | 01 | | | |
| Graúna | 238 | 51 | 25 | 03 | 06 | | | 133 | 96 | 04 | 05 |
| Timbó | 37 | 04 | 02 | | | | | 20 | 16 | 01 | |
| Monte Alegre | 03 | 01 | | | | | | 02 | 01 | | |
| São Mateus (Anchieta) | 29 | 03 | | | | | | 17 | 11 | | 01 |
| Pedra Branca | 22 | 02 | | | | | | 13 | 09 | | |
| Mucambo | 03 | 01 | | | | | | 01 | 02 | | |
| Alto Iguape (Goiaba) | 01 | | | | | | | 01 | | | |
| Araçatiba | 87 | 15 | 06 | 03 | | 01 | | 48 | 34 | 02 | 03 |
| Retiro¹⁴ | 46 | 03 | 02 | 01 | | | | 18 | 15 | | |
| Santa Luzia – Laranja da Terra | 03 | | | | | | | 02 | 01 | | |
| Espírito Santo | 03 | | | | | | | 01 | 02 | | |
| São Jorge | 01 | | | | | | | | 01 | | |
| Beira Rio | 45 | 07 | 02 | | 01 | | | 28 | 17 | | |
| Palmito (J e SM) | 170 | 20 | 09 | | 04 | | 01 | 93 | 74 | 01 | 02 |
| Roda D'água | 07 | | | | | | | 03 | 04 | | |
| Quilombo Novo | 07 | 02 | | | | | | 02 | 03 | | 02 |
| Santana | 154 | 13 | 03 | 01 | 02 | | | 90 | 62 | | 02 |
| Angelim 2 | 01 | 01 | | | | | | | | 01 | |
| Mulheres curadas: 523 Homens curados: 376 Total de curados/as até 29/12/2021: 899 | | | | | | | | | | | |
| Óbitos do sexo feminino: 11 Óbitos do sexo masculino: 16 Total de óbitos até 29/12/2021: 27 | | | | | | | | | | | |

Fonte: Elaboração do autor, em 29/12/2021.

14 Em Retiro, segundo os dados do Painel Covid-19 do governo do Espírito Santo, hoje, em 29/12/2021, existem 13 pessoas ainda não curadas, isto é, infectadas pela Covid-19.

Quanto ao sexo das pessoas que foram a óbito, conforme se verifica no quadro número 03, os homens morreram mais, o que pode indicar que demoraram muito para procurar ajuda junto aos profissionais da saúde em hospitais. Por outro lado, apesar de as mulheres estarem sendo infectadas em maior número que os homens, elas estão se curando mais, o que também pode indicar que elas foram mais rápidas a procura dos serviços de saúde.

Das pessoas que foram a óbito, apenas um senhor, que estava na faixa etária dos 80-89 anos, que era um mestre de saberes de jongo, não tinha nenhuma doença. As demais eram portadoras de doenças cardio e diabetes, consideradas comorbidades para a Covid-19. No entanto, o fato de a pessoa ter essas doenças não significa que irá a óbito, pois as muitas pessoas que se curaram também eram portadoras de comorbidades como: cardio, pulmão, diabetes, obesidade e tabagismo.

Imunização, prevenções contra a Covid-19 e reocupações de territórios quilombolas

Tendo em vista os diversos efeitos da pandemia da Covid-19 nas comunidades quilombolas em território brasileiro, em fevereiro de 2021, depois de ter protocolado uma ação no Supremo Tribunal Federal (STF) demandando prioridade na imunização de integrantes dessas comunidades contra a Covid-19, a Conaq conseguiu vitória no STF, que determinou que o Ministério da Saúde priorizasse a vacinação de tais comunidades. A imunização prioritária foi considerada uma vitória pelas lideranças quilombolas nos campos dos embates político e dos direitos, embora o Governo Federal e os entes federados não tenham cumprido a imunização de forma tão prioritária. A ação pela imunização prioritária se fundamentou na justificativa de que se trata de comunidades que vivem em situações de vulnerabilidade socioeconômica.

O processo de imunização dos integrantes dessas comunidades, que no Espírito Santo ocorreu em meio a embates e conflitos com as prefeituras municipais e médios e grandes proprietários de terras vizinhos, a aplicação da primeira dose da vacina ocorreu entre 24 de março e 10 de abril de 2021. A segunda dose ocorreu em algumas comunidades a partir de 80 dias da primeira

dose. Em outras, como foi o caso da comunidade Angelim 2 (nº 02 do quadro nº 01), em que a primeira dose ocorreu em 31 março de 2021, a segunda dose ocorreu mais de 120 dias depois, isto é, em 05 de agosto do mesmo ano. Em todas essas comunidades, no mês de dezembro de 2021, a dose de reforço vem ocorrendo nos postos de saúde mais próximos, mas já não teve um calendário específico para seus integrantes.

Em algumas situações, conforme constatei, 03 (três) comunidades certificadas (nºs 16, 17 e 35 do quadro nº 01) não entraram no primeiro calendário de imunização estabelecido pelas prefeituras por não terem uma liderança que as representasse e por pressão de proprietários não quilombolas que estão dentro dos territórios. Esses proprietários intimidam as famílias e impedem a formação de uma liderança local que represente tais comunidades. Por outro lado, algumas comunidades ainda não certificadas, devido ao fato de lançarem mão do direito à auto definição como quilombolas, conseguiram se mobilizar e ter seus integrantes imunizados.

Além da luta pela imunização, diversas têm sido as ações preventivas e educativas das comunidades quilombolas do estado do Espírito Santo visando se proteger contra os vários efeitos da Covid-19 em seus territórios. Quando as comunidades não conseguem realizar tais ações com recursos próprios, suas lideranças têm recorrido ao apoio de pessoas e agentes externos que chamam de parceiros para obterem recursos para tanto. Entre as ações realizadas estão as seguintes: 1ª) Distribuição de produtos de higienização como sabão em líquido para as comunidades de Porto Grande, Linharinho e São Domingos, sendo essa uma ação realizada por alguns professores da UFES, campus de São Mateus; 2ª) Distribuição de cestas de alimentos mobilizadas pela Coordenação Estadual das Comunidades Quilombolas do Espírito Santo junto ao Movimento Espírito Santo Solidário, que foram destinadas às diversas famílias em comunidades quilombolas do sul e do norte do mesmo estado; 3ª) Confeccção e distribuição de máscaras para diversas comunidades quilombolas que contou com o apoio da ADUFES (Associação dos Docentes da UFES), Coletivo Afoxé, Associação de Magistrados para a Democracia, REMA (Rede de Matriz Africana), CONEN (Coordenação Nacional de Entidades Negras), Instituto Elimu Professor Cleber Maciel e NEAB/UFES; 4ª) Mulheres da comunidade quilom-

bola de Graúna produziram e comercializaram máscaras na própria comunidade; 5ª) Mulheres da comunidade quilombola de Retiro produziram e distribuíram máscaras na própria comunidade; 6ª) Produção de cards e posts informativos por professores filiados ao NEAB/UFES e ao Laboratório de Práticas Digitais (UFES São Mateus) para compartilhamentos nos grupos de WhatsApp das comunidades quilombolas e agrupamentos de matriz africana visando promover uma ação educativa e preventiva em relação à Covid-19, como o uso de máscaras, higienização e distanciamento social.

Além das ações acima, ocorreram mobilizações e campanhas de ajuda financeira para as perfurações de poços e cacimbas para as comunidades Porto Grande e São Domingos. Essas ações contaram com o apoio de agentes externos ligados aos movimentos sociais, ao NEAB/UFES, Instituto Elimu Professor Cleber Maciel, o Grupo de Capoeira Angola Volta ao Mundo e de demais apoiadores solidários, que se movimentaram ao apelo de lideranças locais para resolver as necessidades de água potável para a higienização e consumo, que é considerado pelas lideranças o bem mais precioso de prevenção em relação à Covid-19. A perfuração de uma cacimba com cerca de 15 metros de profundidade na comunidade São Domingos visou a obtenção de água para o consumo e para a irrigação de pequenas lavouras e hortas para a produção de alimentos variados.

Nas comunidades São Domingos, Linharinho e Angelim 2 foram realizados “ajuntamentos” (trabalhos comunitários) para retomar partes de seus territórios expropriados pelas empresas da monocultura de eucaliptos e realizar cultivos de roças e hortas. Essas ações das comunidades têm por objetivo aumentar o tamanho das áreas cultivadas e, conseqüentemente, a produção de alimentos orgânicos, pois as famílias têm entendido que é necessário se precaver em relação ao aumento dos preços dos alimentos e reconstruírem seus costumes e saberes tradicionais acerca do cultivo de suas roças, da produção dos alimentos, dos hábitos alimentares e preservação de vegetações nativas, nascentes, córregos e rios.

Por outro lado, na contramão desse movimento das comunidades quilombolas para reforçar suas concepções tradicionais de propriedade,

uso e cultivo da terra-território, ocorreram movimentos liderados por agentes políticos e religiosos dos meios urbanos de São Mateus e Conceição da Barra que invadiram parte dos territórios reivindicados pelas comunidades, distribuíram e comercializaram lotes de terra de forma individual. No caso da comunidade Angelim 2, que visitei e participei de uma oficina de cartografia social convocada e liderada pela própria comunidade em 16 de janeiro de 2021, para auto demarcar o seu território, esse movimento interno da comunidade ocorreu porque o movimento contrário, anteriormente mencionado, avançou do lado do território do Quilombo de Linharinho em direção ao território quilombola do Angelim 2. O movimento contrário, inclusive propôs para algumas famílias da comunidade que fracionassem o território reivindicado, contrariando suas concepções tradicionais de território. No decorrer da mencionada oficina, integrantes da comunidade relataram que quem estava na liderança do lado contrário aos quilombolas era um pastor e um policial evangélicos, e que à medida que criavam os lotes atribuíam-lhes nomes de “sítios” acompanhados como um nome da tradição hebraico-bíblica, um deles denominado “Sítio Canaã”.

Por outro lado, como analisei na parte 1 deste texto, os quilombolas em um movimento de auto demarcação de seus territórios atribuem e reafirmam os nomes de seus pais, avós e bisavós como símbolos demarcadores de lugares e corpos. Entre os diversos casos analisados de nomes de “pessoas, personagens de memória” (POLLAK, 1989; 1992) que demarcam nomes de famílias, associações e pessoas da atualidade, na comunidade de Angelim 2, encontramos os seguintes exemplos: a) nomeação da nascente Dona Luzia dos Santos realizado pelo movimento de plantios de árvores e recuperação de nascentes; b) Biblioteca Quilombola Dona Luzia dos Santos criada pelas lideranças locais que são filhas e netas dessa ancestral já falecida; c) terra de Theófilo Hilário dos Santos (pai de Dona Luzia); d) lugar da casa do Hilário (pai de Theófilo); e) casa do vovô Blandino.

Cabe destacar que esse movimento e costume de nomeação dos lugares e das novas gerações nas comunidades quilombolas não é algo novo. Conforme escreveram Oliveira (2002; 2019) e Oliveira e Oliveira (2021), as ações significativas de algumas pessoas-personagens do passado para as comunidades quilombolas da atualidade constituem a motivação para que seus nomes voltem

a ser atribuídos às novas gerações. Essa parece ser, segundo Oliveira e Oliveira (2021), uma forma de manter vivo na memória os nomes desses/as personagens do passado que continuam sendo significativos para as gerações que os sucederam nas comunidades quilombolas. Esses nomes são empregados como elementos demarcadores de memórias, identidades e territórios dessas comunidades quilombolas.

Considerações finais

Os efeitos apresentados pelos resultados da pesquisa dão conta da inexistência de políticas públicas que assegurem as condições mínimas que garantam a estabilidade dos meios de subsistência dessas comunidades, como territórios titulados, estímulo à produção de alimentos e garantia da compra dos seus produtos. A cada mudança de governo e crise que se instaura, as políticas públicas para essas comunidades parecem voltar ao ponto inicial, e os projetos de construção da autonomia produtiva dos territórios quilombolas requerem um novo começo. Por isso, segundo o que ouvi nos diálogos com as lideranças das comunidades quilombolas, embora as medidas assistencialistas de ajuda de custo e as distribuições de alimentos, como as que têm ocorrido pelas agências dos governos federal, estadual e municipais, possam ser necessárias para garantir que, em algumas comunidades, as pessoas tenham o mínimo para comer, um projeto político de estabilidade e de autonomia produtiva torna-se urgente ser pensado pelas organizações locais, estaduais e nacional das comunidades quilombolas.

As comunidades quilombolas que contam com maior extensão territorial retomaram o movimento de reconstrução de sua autonomia produtiva, recorrendo para tanto às memórias e saberes produtivos que herdaram de seus ancestrais. Como os saberes do passado se mesclam aos saberes construídos em interação com agentes externos, as lideranças recorrem a apoios e parcerias para fazer avançar seus projetos de construção de autonomia. Ao mesmo tempo, demarcam as fronteiras que delimitam os modos de vida e os saberes tradicionais que herdaram de seus antepassados relativos à ocupação e uso de seus territórios daqueles que vêm de fora buscando impor novas simbologias sobre seus territórios e territorialidades.

Referências bibliográficas

- AGUIAR, Maciel. *Os Últimos Zumbis*. Rio de Janeiro: Brasil-Cultural, 2001.
- ALVES, Paula Aristeu. *Quilombolas e trajetórias de escolarização: um estudo a partir de Retiro, Santa Leopoldina (ES)*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). PGCS-UFES, Vitória, 2020.
- ANDERSON, B. *Comunidades imaginadas*. São Paulo, Cia das Letras, 2008.
- COSTA, Renata Beatriz Rodrigues da. *“Um nome a zelar”*: histórias de uma quilombola do Norte do Espírito Santo. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). PGCS-UFES, 2018.
- CARNEIRO, Luciana Cruz. *Expressões e saberes quilombolas: comunidade Córrego do Sossego, Guaçuí (ES)*. Dissertação de Mestrado em Artes. PPGA-UFES, Vitória, 2021.
- COUTINHO, Ananda Bermudes. *A produção do território quilombola de Retiro e o papel dos atores externos: uma análise em questão*. Tese (Doutorado). UFF: Niterói (RJ), 2016.
- FERREIRA, Simone R. B.; OLIVEIRA, Osvaldo M. “De Regência a Barra Nova é tudo quilombola!” Relatório preliminar de visitas de campo à Comunidade de Degredo, Linhares (ES). Universidade Federal do Espírito Santo; Fundação Cultural Palmares, 2015.
- FERREIRA, Simone Raquel Batista. *“Donos do lugar”*: a territorialidade quilombola do Sapê do Norte (ES). Tese (Doutorado em Geografia) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense. Niterói. 2009.
- GUIMARÃES, Aissa Afonso. Memórias de mestres e ancestralidade no Caxambu Alegria de Viver, Vargem Alegre (Cachoeiro de Itapemirim). In: GUIMARÃES, Aissa A.; OLIVEIRA, Osvaldo M. *Jongos e Caxambus: culturas afro-brasileiras no Espírito Santo*. UFES-Proex / IPHAN: Vitória, 2018. P. 123-131.
- IZOTON, Roberto. *Identidade e Territorialidade Quilombola na Comunidade de Alto Iguape – Guarapari – Espírito Santo*. 2016. 215 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), PGCS-UFES, Vitória, 2016.
- LINS, Lorena. *Identidade e territorialidade: a comunidade de pescadores e extrativistas quilombola do Degredo, Linhares (ES) e o processo de reconhecimento*. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Universidade Vila Velha (ES), 2021.
- MARTINS, Robson L. M. Em louvor a “Sant’Anna”: notas sobre um plano de revolta escrava em São Matheus, norte do Espírito Santo, Brasil, em 1884. *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, n. 38, 2000.
- OLIVEIRA, Osvaldo Martins de; OLIVEIRA, Rosa Maria de. Comunidade Quilombola Córrego do Alexandre (ES): território de saberes e tradições festivas. In: *Guarimã: Revista de Antropologia e Política do PPGCS, UEM*, 2021. Vol. 1, nº 2, pág. 42-61. Disp.: <http://https://ppg.revistas.uema.br/index.php/guarima/article/view/2644/1890>

- OLIVEIRA, Osvaldo M. *Projeto político de um território negro: memória, cultura e identidade quilombola em Retiro, Santa Leopoldina (ES)*. Vitória: Milfontes, 2019.
- OLIVEIRA, Osvaldo M. Quilombos e demarcadores de identidades: análise sucinta de três casos no estado do Espírito Santo. *Ambivalências*, vol. 4, 2016, p. 10-41. Disponível em <http://www.seer.ufs.br/index.php/Ambivalencias/issue/view/475>
- OLIVEIRA, Osvaldo M.; RODRIGUES, Luiz H. Quilombolas e transmissão cultural do jongo na comunidade de São Cristóvão, São Mateus (ES). In: OLIVEIRA, Osvaldo Martins de (Org.). *Direitos quilombolas e dever de Estado em 25 anos da Constituição Federal de 1988*. Brasília: ABA (Associação Brasileira de Antropologia), 2016. P. 159-170. Disponível em <http://www.portal.abant.org.br/index.php/bibliotecas/livros>
- OLIVEIRA, Osvaldo M. Comunidades quilombolas no estado do Espírito Santo: Conflitos sociais, consciência étnica e patrimônio cultural. *RURIS*, v. 5, p. 141-171, 2011.
- OLIVEIRA, Osvaldo M. (Org.). *Culturas Quilombolas do Sapê do Norte*. Farinha, beiju, reis e bailes dos congos. Vitória: Editora Santo Antônio, 2009.
- OLIVEIRA, Osvaldo M. (Coord. e Org.). *Relatório técnico de identificação da comunidade remanescente de quilombos de Monte Alegre*. Projeto Territórios Quilombolas no Espírito Santo. Convênio UFES–INCRA. Vitória, 2006.
- OLIVEIRA, Osvaldo M. “Quilombo do Laudêncio, município de São Mateus (ES)”. In: O'DWYER, Eliane Cantarino (Org.). *Quilombos: identidade étnica e territorialidade*. Rio de Janeiro: FGV/ABA, 2002.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992: 200-212.
- REBELLO, José C. Ferreira. Relatório com que o quinto vice-presidente da província do Espírito Santo, passou a administração ao presidente Custódio José Ferreira Martins, em 17/09/1884.
- RODRIGUES, Luiz Henrique. O Jongo de São Cosme e Damião na comunidade quilombola de Porto Grande, Conceição da Barra: da Mesa de Santo ao Jongo. In: GUIMARÃES, Aissa A.; OLIVEIRA, Osvaldo M.. *Jongos e Caxambu: culturas afro-brasileiras no Espírito Santo*. UFES-Proex / IPHAN: Vitória, 2018. P. 265-273.
- RODRIGUES, Luiz Henrique. *Quilombolas e jogueiros: uma etnografia nas comunidades de Linharinho e Porto Grande, Conceição da Barra (ES)*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). PGCS-UFES, Vitória, 2016.
- SILVA, Sandro José da. *Do fundo daqui: luta política e identidade quilombola no Espírito Santo*. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Universidade Federal Fluminense. Niterói (RJ), 2012.

SILVA, Larissa de Albuquerque. “*O alvoroço do mangangá*”: Uma análise do processo patrimonialista do jongo na comunidade São Mateus, Anchieta (ES). Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). PGCS-UFES, Vitória, 2016.

SOUZA, Pedro Henrique Barbosa de. *Na fita de Bárbara tem dendê, desata esse nó que quero vê*: Identidade e memória social entre mulheres quilombolas do Sapê do Norte (ES). Dissertação (Mestrado em Psicologia). PGP